

A pornofonia nas músicas contemporâneas angolanas e sua influência em crianças, adolescentes e jovens: Uma reflexão sobre os estilos Kuduro, Afro House, Afro Beat, Rap e Trap¹

 Alex Chipuia ²

Recibo: 18.05.2025
Aceito: 30.06.2025
Publicado: 04.08.2025

Resumo: Este artigo decorre da inquietude com o impacto negativo da pornofonia nos estilos de músicas Kuduro, Afro House, Afrobeat, Rap e Trap, mormente no comportamento de crianças, adolescentes e jovens em Angola. O fim fundamental do artigo foi analisar criticamente os conteúdos pornofónicos, explícitos e implícitos, em letras com conteúdo pornofónicos. A pesquisa adoptou uma abordagem qualitativa e quantitativa (quali-quant), de natureza descritiva e exploratória. Foram recolhidos dados através da análise de conteúdo de 15 músicas seleccionadas e da aplicação de um inquérito por questionário a 114 participantes (65 crianças, 19 adolescentes e 30 jovens). As análises qualitativas foram orientadas pela técnica de Bardin (2011), e os dados quantitativos processados com recurso ao SPSS e Microsoft Excel. Os resultados evidenciam que 72% dos inquiridos afirmaram ter adoptado comportamentos desviantes influenciados por músicas com teor erotizado; 40% identificaram o estilo Kuduro como o mais associado a conteúdos pornofónicos; 61% reconheceram que essas letras reforçam estereótipos de género; e 71% consideraram negativas as mensagens que promovem a hipersexualização e a objectificação da mulher. Conclui-se que o consumo frequente e não crítico de músicas com conteúdos sexualmente explícitos contribui para a normalização da erotização precoce, influenciando negativamente o desenvolvimento afectivo, social e sexual dos jovens. Urge, portanto, a necessidade de promover uma educação musical consciente, incentivar a produção artística responsável e desenvolver políticas culturais que priorizem o respeito pelos direitos humanos e pela dignidade da pessoa.

Palavra-chave: Pornofonia, Músicas, Crianças, Adolescentes e Jovens.

Pornography in contemporary Angolan music and its influence on children, adolescents and young people: A reflection on the Kuduro, Afro House, Afro Beat, Rap and Trap styles.

Abstract: This essay stems from concerns about the negative impact of pornographic lyrics on the music styles of Kuduro, Afro House, Afrobeat, Rap and Trap, particularly on the behaviour of children, adolescents and young people in Angola. The main purpose of the essay was to critically analyse the explicit and implicit pornographic content in lyrics with pornographic content. The research adopted a qualitative and quantitative (quali-quant) approach, which was descriptive and exploratory in nature. Data were collected through content analysis of twelve selected songs and the application of a questionnaire survey to 114 participants (65 children, 19 adolescents and 30 young people). The qualitative analyses were guided by Bardin's technique (2011), and the quantitative data were processed using SPSS and Microsoft Excel. The results show that 72% of respondents said they had adopted deviant behaviour influenced by songs with erotic content; 40% identified the Kuduro style as the most associated with pornographic content; 61% recognised that these lyrics reinforce gender stereotypes; and 71% considered messages promoting the hypersexualisation and objectification of women to be negative. It is concluded that the frequent and uncritical consumption of music with sexually explicit content contributes to the normalisation of early eroticisation, negatively influencing the emotional, social and sexual development of young people. It is therefore urgent to promote conscious music education, encourage responsible artistic production, and develop cultural policies that prioritise respect for human rights and human dignity.

Keywords: Pornography, Music, Children, Adolescents, and Young People.

La pornografía en la música contemporánea angolana y su influencia en niños, adolescentes y jóvenes: una reflexión sobre los estilos Kuduro, Afro House, Afro Beat, Rap y Trap

Resumen: Este ensayo surge de la preocupación por el impacto negativo de la pornografía en los estilos musicales Kuduro, Afro House, Afrobeat, Rap y Trap, especialmente en el comportamiento de los niños, adolescentes y jóvenes en Angola. El objetivo fundamental del ensayo fue analizar críticamente los contenidos pornográficos, explícitos e implícitos, en letras con contenido pornográfico. La investigación adoptó un enfoque cualitativo y cuantitativo (cualitativo-cuantitativo), de naturaleza descriptiva y exploratoria. Se recopilieron datos mediante el análisis del contenido de doce canciones seleccionadas y la aplicación de una encuesta mediante cuestionario a 114 participantes (65 niños, 19 adolescentes y 30 jóvenes). Los análisis cualitativos se basaron en la técnica de Bardin (2011), y los datos cuantitativos se procesaron con SPSS y Microsoft Excel. Los resultados muestran que el 72 % de los encuestados afirmaron haber adoptado comportamientos desviados influenciados por canciones con contenido erótico; el 40 % identificaron el estilo Kuduro como el más asociado a contenidos pornográficos; el 61 % reconoció que esas letras refuerzan los estereotipos de género; y el 71 % consideró negativos los mensajes que promueven la hipersexualización y la cosificación de la mujer. Se concluye que el consumo frecuente y acrítico de música con contenidos sexualmente explícitos contribuye a la normalización de la erotización precoz, lo que influye negativamente en el desarrollo afectivo, social y sexual de los jóvenes. Por lo tanto, es urgente promover una educación musical consciente, fomentar la producción artística responsable y desarrollar políticas culturales que prioricen el respeto por los derechos humanos y la dignidad de la persona.

Palabras clave: Pornofonía, Música, Niños, Adolescentes y Jóvenes.

¹ DOI: https://doi.org/10.4314/a_ca_demicus.v3i2.11

² Docente da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Metodista de Angola (UMA) / E-mail: alexchipuiadejesus@gmail.com

Introdução

A música angolana é a reserva de identidade do povo angolano, ou seja, é uma das principais marcas identitárias, é parte da história desde o contexto colonial à independência. Segundo Marcolino (2019), foi um dos principais instrumentos e arremesso contra o colonialismo português, o autor realça ainda que a música popular angolana no contexto de grande “repressão colonial”, foi um factor decisivo na formação ideológica da nação.

Mas, após a independência, surgiu uma nova geração de jovens músicos com uma nova forma de manifestação cultural, musical e artística, com os estilos de músicas kuduro, afro house, afro beat, rap e trap, com forte presença de conteúdos pornofónicos que enfatizam a objectificação das mulheres nas letras e danças. Dito de outra forma, a música contemporânea angolana, consumida no actual contexto social, tem sido marcada por mudanças significativas, ou seja, por transformações negativas, de letras com conteúdo erotizado explícito, fenómeno conhecido como pornofonia. Entende-se como “pornofonia” áudio de filmes pornô, músicas populares com referencias eróticas (Filho, 2016, p.273). Compreende-se, ainda, com letras musicais com duplo sentido ou conotação sexual, ou seja, com a presença ou utilização de letras musicais com conteúdos sexuais, eróticos, que incentivam a prostituição, a promiscuidade, a objectificação ou coisificação da mulher, e os estereótipos atribuídos à mulher em diferentes momentos, das influências negativas. (Cardoso, 2024).

Esse cenário tendencioso é evidente em estilos de músicas como Kuduro, Afro House, Afro Beat, Rap e Trap, que vêm influenciando o comportamento de crianças, adolescentes e jovens. Apesar da popularidade desses géneros, ainda há poucas pesquisas que examinam numa perspectiva crítica os seus efeitos na formação social e psicológica das crianças, adolescentes e jovens. No estudo de Adebola, John-Akinola e Dipeolu (2021), observou-se que letras de músicas com conteúdo que influenciam negativamente a construção da identidade dos jovens principalmente em crianças e adolescentes afectando comportamentos, linguagem e percepções sobre o corpo. Os autores nigerianos Adebola, John-Akinola e Dipeolu, evidenciam, ainda, que o contacto frequente com conteúdos pornofónicos afecta significativamente os comportamentos sexuais de risco de crianças, adolescentes e jovens.

A questão central que norteia este estudo é: Como a presença crescente de conteúdos pornofónicos na música angolana contemporânea influencia a formação da identidade, dos comportamentos e das percepções sociais entre crianças, adolescentes e jovens?

De forma geral, o presente estudo tem como objectivo analisar os efeitos da pornofonia presente na música angolana contemporânea na construção identitária e comportamental da juventude.

No que concerne aos objectivos específicos, pretende-se: identificar os estilos musicais mais associados ao fenómeno da pornofonia; avaliar a percepção das crianças, adolescentes e jovens em relação às mensagens veiculadas por estas músicas; e reflectir sobre os impactos sociais, psicológicos e culturais decorrentes do consumo de músicas com conteúdo pornofónico.

A presente investigação justifica-se pela necessidade de promover uma reflexão crítica sobre os conteúdos musicais consumidos pela juventude angolana, num contexto marcado pela fragilidade do sistema educativo e pelo acesso facilitado às tecnologias e redes sociais. A crescente naturalização de conteúdos pornofónicos nas letras musicais pode comprometer o desenvolvimento saudável de valores, a promoção da igualdade de género e o respeito pelo corpo e pelas relações interpessoais.

Ao lançar luz sobre esta problemática, o presente estudo procura contribuir para a construção de estratégias educativas, culturais e políticas que incentivem um consumo musical mais consciente, ético e socialmente responsável.

O artigo encontra-se organizado em quatro secções principais: (i) introdução, onde se apresenta a problemática, os objectivos e a justificativa do estudo; (ii) referencial teórico, que aborda as músicas com conteúdo pornofónico, (iii) metodologia, onde se descrevem os procedimentos utilizados na recolha e análise dos dados; e (iv) resultados e discussão, onde se apresentam e analisam os principais achados da pesquisa, bem como análise metafórica e semiótica de termos com pornografia sonora. O texto é finalizado com considerações finais.

A pornofonia nas músicas e suas influências

A pornofonia é uma temática complexa e multifacetada, pois, envolve aspectos psicológicos, sociais e culturais. Diversas pesquisas científicas exploram como os conteúdos eróticos nas músicas influenciam no desenvolvimento e comportamento das crianças, adolescentes e jovens. Ward (2003), aponta os impactos sociais e comportamentais sobre as músicas com conteúdos eróticos, o autor observou que, a exposição precoce a conteúdos sexuais explícito na fase de crescimento pode influenciar a compreensão equivocada das crianças sobre a relação sexual e, consequentemente, induzi-las a atitudes sexuais precoces.

Já Brown et al. (2006) entendem que crianças com contacto precoce com conteúdos sexuais podem afectar negativamente o seu desenvolvimento cognitivo e emocional. Vale realçar ainda que, segundo Gentile et al. (2004), esses impactos sofrem influência no modo como são interpretados e internalizados pela crianças, adolescentes e jovens em função do contexto socioeconómico e cultural.

Conforme Cristóvão (2022) assegura-se que grande parte dos fazedores destes estilos promovem a sexualidade nas músicas e danças. Diz-se ainda que o processo de aculturação e evolução musical em Angola têm sido marcados por uma forte presença de conteúdos pornofónicos, ou seja, as letras e as danças enfatizam a sensualidade, o erotismo, ostentação, objectificação das mulheres e criminalidade especialmente em estilo como kuduro, afro-house, afro beat, rap e trap.

Estes estilos de músicas que objectificam as mulheres reduzem-nas a um objecto sexual contribuindo assim para a normalização da violência sexual e estereótipos de género (Aubrey & Frisby, 2011). Tornou-se trivial na mídia Angolana, no núcleo familiar e até mesmo nas escolas observar-se crianças e adolescentes a cantarem e dançarem músicas com teor erótico.

Observa-se ainda, que conforme Lima, (2008) hoje por hoje, é comum as crianças e adolescentes cantarem e coreografarem músicas carregadas de sexualidade e consequentemente, usarem vestimentas sexuais inadequadas ao estágio de desenvolvimento. O autor sustenta, ainda, que as músicas erotizadas se tornam febre entre meninos e meninas, mesmo sem muitas vezes terem conhecimento do que estão a ouvir ou dançar.

Vale ainda reflectir que, segundo o mesmo autor, na perspectiva dos profissionais da psicologia, as músicas ou letras pornofónicas estimulam o despertar da vida sexual precoce entre meninos e meninas, com reflexo nos comportamentos inadequados.

Uma outra problemática apresentada pelos pesquisadores é a auto-objectificação e a hipersexualidade. Conforme, (Fredrickson & Roberts, 1997) a exposição de músicas com mensagem que objectificam as mulheres pode levar à auto-objectificação, a mulher passar a ser vista como um mero objecto de prazer sexual, o autor afirma ainda que esse fenómeno afecta negativamente a autoestima da mulher e a sua saúde mental levando-a a não ser valorizada além do prazer.

A sociedade estabeleceu um padrão de estética, ou seja, a cultura patriarcal que olha apenas para o prazer que a mulher proporciona aos homens vem gerando a hipersexualização nas músicas, o que pode contribuir para a pressão social e afectar negativamente a saúde mental das mulheres (Ward, 2003).

Na visão dos autores, entende-se que a normalização da exposição de conteúdos pornofónicos nas músicas pode causar impactos negativos no comportamento de jovens.

principalmente em crianças e adolescentes. Essas acções induzem à normalização da hipersexualização, consequentemente, crianças e adolescentes acabam a cantar músicas e a imitar coreografias de forma erótica ou sensual, estimulando, assim, a iniciação sexual precoce e a reprodução de estereótipos do corpo das mulheres como objecto nas letras e danças. No nosso contexto, o excesso de conteúdo sexual nas músicas angolanas é grave e preocupante. Diante disso, Da Costa (2020) discute o posicionamento de músicos angolanos que manifestam preocupação com o teor sexualizado das canções contemporâneas, afirmando que o excesso de conteúdo pornofónico nas músicas angolanas faz parecer que estamos a assistir a um “filme pornográfico”. Essa problemática coloca em risco a identidade cultural devido aos conteúdos sexualizados e às coreografias sexuais. Conforme o avanço desta problemática, vai-se perdendo a preservação dos valores morais da sociedade (Lamartine, 2020).

Segundo Ward (2016), reforça que o contacto ou a exposição dos adolescentes a letras sexualizadas distorce a compreensão sobre os relacionamentos e as normas de convivência socialmente aceites por indivíduos na fase crítica do desenvolvimento, ou seja, na fase da influência comportamental.

Além disso, segundo Brown et al. (2006), comportamentos de risco como actividade sexual precoce, actividade sexual ocasional e o uso de drogas e álcool podem estar associados à exposição de músicas com conteúdo sexual. Inquestionavelmente, na conjuntura musical contemporânea angolana, a indústria musical utiliza a nudez e a objectificação do corpo da mulher como grande estratégia de lucratividade, colocando crianças e adolescentes numa situação de exploração sexual. A estratégia consiste em influenciar as mentes das crianças, adolescentes e jovens. Segundo Constantino (2024), observa-se uma omnipresença da sexualidade nas músicas contemporâneas angolanas, a qual contribui para o despertar de desejos sexuais descontrolados. A autora reforça essa crítica ao afirmar que, em Angola, tudo está sexualizado: “Em maioria estão aqueles que cantam disparates, falam de sexo e outras ofensas como se estivessem a pedir pão” (Netho, 2020).

Metodologia

Abordagem do estudo

Este estudo adopta uma abordagem “quali-quantit” com carácter descritivo e exploratório. Conforme afirma Triviños (1987, p. 110), o estudo descritivo pretende descrever com exactidão os factos e fenómenos de determinada realidade, sendo, por isso, utilizado quando o investigador pretende conhecer uma comunidade, as suas características, valores e problemas culturais. Por outro lado, é também exploratório, uma vez que visa aprofundar a compreensão da temática da pornofonia nas músicas contemporâneas, um fenómeno ainda pouco estudado no contexto local.

Participantes

A investigação contou com duas amostras complementares, uma de natureza qualitativa (com foco na análise de músicas) e outra de natureza quantitativa (referente aos indivíduos inquiridos), permitindo uma abordagem metodológica mista. No plano qualitativo, foram seleccionadas 15 músicas dos estilos Kuduro, Afro House, Afrobeat, Rap e Trap, géneros predominantes no consumo musical juvenil angolano.

No segmento quantitativo, participaram 114 indivíduos com perfis distintos em termos de idade e género, seleccionados com base numa amostragem não probabilística por conveniência. Esta amostragem permitiu aceder a participantes de contextos escolares, comunitários e digitais, assegurando diversidade nas percepções sobre o impacto das músicas em análise. A composição da amostra foi a seguinte: quanto ao género, temos 59 participantes do sexo masculino e 55 do feminino. Em relação à idade, tem-se 65 crianças, com idades compreendidas entre 8 e 12 anos; 19 adolescentes, com idades entre 13 e 17 anos; e 30 jovens, com idades compreendidas entre 18 e 25 anos.

A integração dos dois grupos amostrais qualitativo e quantitativo proporcionou uma análise abrangente, articulando as características do conteúdo musical com os efeitos percebidos nos diferentes grupos etários da juventude angolana.

Amostragem

No presente estudo foi adoptado o método de amostragem não probabilística, com recurso à amostragem por conveniência, tanto na componente quantitativa como qualitativa. Esta opção justificou-se pela natureza exploratória da investigação, bem como pela acessibilidade aos participantes e materiais que compuseram o corpus do estudo.

Na dimensão qualitativa, recorreu-se à amostragem intencional, tendo sido seleccionadas músicas com base em critérios previamente definidos. A selecção incidiu sobre composições dos estilos Kuduro, Afro House, Afrobeat, Rap e Trap, por constituírem os géneros mais consumidos pela juventude angolana em plataformas digitais, espaços recreativos e redes sociais.

Instrumentos de recolha de dados

A recolha de dados para o presente estudo foi realizada por meio de três instrumentos complementares: dois de natureza qualitativa e um de natureza quantitativa: (i) um questionário semi-estruturado, aplicado de forma presencial, por meio da plataforma Google Forms, contendo perguntas abertas relativas à percepção dos participantes e perguntas fechadas destinadas à caracterização sociodemográfica; (ii) entrevistas semi-estruturadas realizadas com um pastor teólogo e um sociólogo, com o objectivo de obter uma análise crítica e contextualizada sob as perspectivas teológica e sociológica e (iii) análise termo semiótica e de metáforas de vídeos das letras musicais seleccionadas.

Procedimentos

A selecção dos trechos foi feita em vídeos no YouTube, com amostragem intencional, com o objectivo de ilustrar como essas expressões estão presentes nos estilos de músicas em estudo. Já para a análise e interpretação dos dados, foi utilizada, inicialmente, a análise de conteúdo temática, que consistiu na análise de trechos musicais, com o objectivo de identificar temas recorrentes, como sexualização, objectificação da mulher, auto-objectificação, hipersexualização, entre outros. Posteriormente, fez-se uma análise semiótica e metafórica com o objectivo de identificar músicas com duplo sentido. Já as entrevistas foram realizadas presencialmente entre Janeiro e Março de 2025, com duração média de 10 minutos cada. A abordagem foi adaptada à faixa etária dos participantes, assegurando o uso de linguagem acessível, especialmente no caso das crianças.

Análise de dados

Os dados recolhidos foram transcritos e submetidos a uma análise de conteúdo, seguindo a metodologia proposta por Bardin (2011), o que permitiu a identificação de temas e padrões recorrentes nas respostas obtidas. A atenção analítica centrou-se na identificação de padrões discursivos, metáforas de cunho sexual, representações simbólicas do corpo feminino e nos modos de construção da masculinidade veiculados pelas letras musicais. As categorias emergentes da análise foram relacionadas aos impactos psicológicos, comportamentais e sociais associados ao consumo de músicas com conteúdo pornofónico, especialmente entre adolescentes e jovens.

Paralelamente, após o tratamento qualitativo, procedeu-se à organização e codificação dos dados recolhidos via Google Forms, os quais foram posteriormente importados para o software estatístico SPSS, com o propósito de realizar análises univariadas. O Microsoft Excel foi igualmente utilizado na elaboração de gráficos e quadros estatísticos, facilitando a visualização e interpretação dos resultados.

Resultados e discussão

Este capítulo analisa os resultados discutidos sobre o impacto de conteúdos pornofónicos nas músicas.

Análise qualitativa das músicas com conteúdos sexualizados.

No presente estudo, procedeu-se à selecção criteriosa de músicas pertencentes aos estilos Kuduro, Afro House, Afrobeat, Rap e Trap, por se tratarem dos géneros musicais mais consumidos pela juventude angolana na actualidade, com forte presença em plataformas digitais, festas e eventos culturais informais. A selecção foi orientada por critérios de popularidade, acessibilidade nas redes sociais e, principalmente, pela presença explícita ou implícita de conteúdos de natureza pornofónica entendida como a inclusão de letras com conotações sexuais, erotizadas, ou que reforcem a objetificação da mulher e a distorção das relações sociais e de género.

Foram incluídas na análise as músicas que: apresentam grande circulação a nível nacional, particularmente entre crianças, adolescentes e jovens; contêm linguagem sugestiva, sexualizada ou ofensiva, com impacto reconhecível na construção cultural juvenil; reflectem as tendências actuais do discurso musical urbano; estão disponíveis no YouTube.

Por outro lado, foram excluídas: músicas cujas letras são neutras ou de teor educativo/social, mesmo pertencendo aos estilos em análise; produções instrumentais ou carentes de conteúdo lírico relevante; obras cuja interpretação sexualizada não se sustenta no conteúdo textual nem na recepção do público-alvo; músicas de autores com pouca visibilidade pública, cuja difusão seja restrita.

Esta delimitação permitiu centrar a análise em produções com efectiva influência social, assegurando a pertinência e representatividade do corpus seleccionado para os fins do estudo: compreender de que forma a pornofonia presente na música angolana contemporânea influencia os processos de construção identitária, comportamental e ética da juventude. A diversidade dos estilos abordados permite, igualmente, uma leitura abrangente das práticas discursivas e simbólicas que sustentam fenómenos como a erotização precoce, a banalização da sexualidade e a reprodução de estereótipos de género no imaginário musical juvenil angolano.

Música 1 – título / autor / estilo

Título: Acaba de comer a maçã Autores: Tropa do Choco x Mister Fábio, Estilo musical: Afro House

“Pediram a maçã, não queremos nené que cheira miniatura, as mãos grandes das estoburas, tiro aqui não fura, só quero coloca de cão, não me troca só de posição, acaba de comer a maçã, não estou com apetite de comer banana, me enche o balão na posição de cão”. A letra está repleta de expressões com conotação sexual, ora explícitas, ora veladas, que remetem directamente a práticas sexuais, linguagem corporal e erotização precoce.

Apesar de se tratar de uma manifestação artística, o teor da letra reproduz uma narrativa marcada pela objectificação do corpo feminino e pela banalização do acto sexual, sobretudo em contextos de juventude, o que levanta preocupações de natureza ética, social e pedagógica.

Análise de termos e metáforas

“Pediram a maçã”: A palavra “maçã” é utilizada como metáfora do órgão genital feminino.

“Não queremos nené que cheira miniatura”: Esta expressão sugere um desinteresse por rapazes jovens, insinuando uma preferência por homens mais velhos, sendo o critério implícito o tamanho do órgão genital.

“Tiro aqui, não fura”: Frase ambígua que pode sugerir resistência física ou emocional à relação sexual, ou mesmo a frustração de um desejo sexual não concretizado.

“Posição de cão”: Referência directa à posição sexual conhecida como “de quatro” ou “estilo cachorrinho”.

“Acabar de comer a maçã, não estou com apetite de comer banana”: A “maçã” continua como metáfora do acto sexual vaginal, enquanto a “banana” representa o órgão sexual masculino, numa associação metafórica à felação.

“Me enche o balão”: Frase que alude metaforicamente à ejaculação interna.

Análise Semiótica

A música constrói um sistema de signos onde o corpo feminino é reduzido a objectos, alimentos e instrumentos, esvaziando a mulher de qualquer dimensão humana, emocional ou intelectual.

Análise metafórica

A “maçã” como símbolo de prazer proibido, de acesso ao corpo feminino, reforça uma lógica de desejo sem responsabilidade.

A “banana” e o “balão” operam como metáforas fálicas, numa narrativa que glorifica a performance sexual masculina como símbolo de poder e masculinidade.

A expressão “posição de cão” traduz uma metáfora de submissão e dominação sexual, marcada por uma animalização das relações eróticas, desumanizando ambos os envolvidos.

Música 2 – título / autor / estilo

Título: Vem Cunar. Autor(es): Patrulha Pata. Estilo musical: Kuduro

“Estou muito tempo sem fazer, vem cunar para me satisfazer, hoje mesmo está a me apeteecer, vou tocar lá em baixo tipo viola, abre a perna tipo karaté, não gostou do trabalho vou lhe fazer minerabú”. A letra apresenta conteúdo sexual explícito e implícito, recorrendo a um conjunto de metáforas corporais e linguísticas para descrever actos sexuais com alto grau de erotismo.

A frase “estou muito tempo sem fazer” remete directamente à privação de relações sexuais, enquanto “*vem cunar para me satisfazer*” utiliza o termo “cunar” um regionalismo comumente usado para designar o acto sexual como forma directa de convocação para o prazer. Ambas expressões deixam claro que o sujeito lírico assume uma postura activa e dominante na relação sexual, colocando o outro como meio de satisfação de um desejo pessoal.

A metáfora “*vou tocar lá em baixo tipo viola*” associa o órgão genital à imagem de um instrumento musical, sugerindo que o corpo do outro é algo a ser manipulado para gerar prazer, como se tocasse uma melodia. Já a expressão “*vou lhe fazer minerabú*”, amplamente utilizada no léxico urbano angolano, refere-se metaforicamente ao beijo grego, uma prática sexual que envolve estimulação anal.

Análise Semiótica:

O corpo da mulher é transformado em campo simbólico de acção e domínio masculino, traduzido por signos como *viola* (instrumento), *karaté* (arte marcial) e *minerabú* (gíria sexual urbana).

A acção sexual é apresentada como um desempenho técnico e competitivo, desprovido de intimidade ou mutualidade afectiva.

Análise metafórica

A “viola” representa o corpo feminino como objecto musical de exploração sensual,

sugerindo controlo, habilidade e apropriação estética do prazer do outro.

A metáfora “minerabú”, ao representar uma prática sexual tabu, projecta-se como símbolo de transgressão e poder erótico, sendo interpretada como algo a ser imposto, e não partilhado.

A letra reforça uma construção simbólica onde o corpo da mulher é instrumentalizado e erotizado a partir do olhar masculino, retratando o acto sexual como uma performance unidireccional de prazer.

Música 3 – título / autor / estilo

Título: *Senta no Pula Pula*. Autor(es): DJ Ketchup ft. Pedalé King. Estilo musical: Kuduro/Afro

“Senta no pula pula, detrás, toma detrás toma de frente”

A letra “*Senta no pula pula, detrás, toma detrás, toma de frente*” apresenta um conteúdo fortemente sexual, ainda que envolto em linguagem metafórica e aparentemente lúdica. A expressão “*senta no pula pula*” funciona como uma mensagem de duplo sentido, remetendo implicitamente ao acto sexual, em que o “*pula pula*” surge como metáfora do órgão genital masculino ou do próprio movimento da relação sexual.

O uso dos termos “*detrás*” e “*de frente*” intensifica essa leitura, sugerindo posições sexuais distintas, configurando a letra como um convite explícito à prática sexual, apesar de sua estrutura linguística informal e rítmica que disfarça a intencionalidade erótica.

Análise Semiótica:

O termo “*pula pula*”, normalmente associado ao universo infantil, é ressignificado aqui como um signo sexual, criando um contraste entre o lúdico e o erótico. Essa reconfiguração simbólica contribui para a ambiguidade da mensagem, tornando-a socialmente aceitável à superfície, mas profundamente sexual no subtexto.

As repetições “*toma detrás, toma de frente*” funcionam como sintagmas rítmicos e coreográficos, incentivando movimentos corporais que reproduzem simbolicamente os gestos do acto sexual.

Análise metafórica

A metáfora “*senta no pula pula*” representa o acto de montar, cavalgar ou penetrar simbolicamente, associando o prazer ao movimento e à repetição.

As expressões espaciais “*detrás*” e “*de frente*” remetem à posicionalidade do corpo durante o sexo, reforçando a centralidade da performance no prazer masculino.

Música 4 – título / autor / estilo

Título: *Cona da Tua Mãe*. Autor: Young Beizy. Estilo musical: Rap / Trap

“Cona da tua mãe”, “vou pera a sua mãe” e “vou levar”

O termo “*cona*”, um vulgarismo que designa o órgão genital feminino, aplicado directamente à mãe do interlocutor, constitui uma ofensa grave à dignidade da mulher, marcada por uma intencionalidade insultuosa, sexualizada e desumanizadora. Esta linguagem transgride os limites do discurso artístico e adentra o domínio da violência verbal e simbólica, promovendo uma cultura de desrespeito e desvalorização das figuras femininas especialmente as mães, que, na sociedade angolana, ocupam tradicionalmente um lugar de grande reverência moral e afectiva.

Análise Semiótica:

A frase “*Cona da tua mãe*” actua como signo de ataque simbólico à honra familiar, utilizando o corpo da mulher neste caso, a mãe como alvo de humilhação e domínio masculino.

As expressões “*vou pera a sua mãe*” e “*vou levar*” funcionam como ameaças metafóricas, que insinuam posse sexual ou violação como forma de punição simbólica, reforçando um padrão de masculinidade violenta, baseada na dominação sexual como arma de poder e humilhação.

Análise metafórica

A figura da mãe é instrumentalizada como território de vingança e disputa de poder entre homens, o que desloca o corpo feminino do campo do afecto e do respeito para o da violência simbólica e do uso como retaliação.

“Levar a mãe” ou “perar a mãe” são metáforas de conquista sexual forçada, muitas vezes utilizadas em confrontos verbais como insulto.

Mais do que uma simples expressão artística, letras como esta configuram-se como ataques à dignidade humana, desrespeitando os valores culturais angolanos que tradicionalmente conferem respeito e honra à figura materna. A banalização de termos ofensivos dirigidos às mães compromete a construção de uma sociedade baseada na empatia, no respeito intergeracional e na igualdade de género.

Música 5 – título / autor / estilo

Título: Martelo. Autor: Tchu Mário Wanga. Estilo musical: Afro House

A letra “*Mexe com bunda mexe bem, lhe mata de cima lhe mata de baixo, mete bem aí, mete bem aí, mete mais, martelo, martelo... sobe martelo, baixa martelo, mete aqui, tira aqui, sexuada, sexuada, sobe martelo, baixa martelo*” apresenta um conteúdo com forte conotação erótica, ainda que revestido de linguagem metafórica e ritmada.

Apesar de o título não indicar directamente um teor sexual, a letra recorre a expressões metafóricas e gestuais que remetem ao acto sexual, com destaque para o movimento do corpo mais especificamente das nádegas e para a simulação rítmica da penetração, descrita por meio de analogias mecânicas e corporais.

A expressão “*mexe com a bunda*” é uma clara alusão ao movimento sensual e provocador utilizado como forma de sedução e incitação do desejo masculino. Trata-se de uma coreografia erótica onde o corpo feminino é centralizado como objecto de atração.

A sequência “*lhe mata de cima, lhe mata de baixo*” representa, de forma metafórica, os movimentos de penetração sexual, popularmente conhecidos em Angola como “*remadas*”. Esta gíria refere-se ao ritmo de vai-e-vem do órgão genital masculino durante o acto sexual.

Análise Semiótica:

O corpo feminino, especialmente a nádega, é representado como centro do desejo e da excitação visual, sendo coreografado como instrumento de sedução.

O uso dos verbos “*mexe*”, “*mete*”, “*sobe*” e “*baixa*” constrói uma narrativa que se assemelha a um manual de performance sexual, onde o corpo é fragmentado em movimentos e acções repetitivas.

O “martelo” é o signo que simboliza a virilidade, a força e a repetição elementos que consolidam uma imagem do sexo como acto mecânico e dominado pela força masculina.

Análise metafórica

“*Martelo*” é a metáfora central da letra: representa o pênis em movimento e traduz o acto

sexual como algo rítmico, forte e repetitivo desprovido de emocionalidade ou subjectividade.

A mulher é descrita como “*sexuada*”, termo que não aponta para o sujeito, mas para a condição de disponibilidade sexual corporalizada, quase como uma característica funcional.

A letra apresenta uma narrativa que contribui directamente para a objectificação da mulher, reduzindo-a ao seu corpo e à sua capacidade de movimentação sensual e recepção sexual. A mulher não é descrita como sujeito desejante ou activo, mas como alvo da acção masculina, reiterando um padrão de dominação sexual onde o prazer feminino não é relevante.

Música 6 – título / autor / estilo

Título: Quem Crescer Vamos Lhe Foder. Autores: Tshunami & Mauro Dix. Estilo musical: Kuduro

“Quem crescer vamos lhe foder”

A expressão “*quem crescer vamos lhe foder*”, presente numa letra de teor sexual, revela um conteúdo de profunda gravidade simbólica e ética, especialmente quando considerada sob a perspectiva do impacto que pode ter sobre crianças e adolescentes. A formulação desta frase, ainda que revestida de linguagem coloquial ou musical, normaliza a antecipação da exploração sexual de menores, projetando o abuso como algo inevitável ou naturalizado no futuro.

Esta construção linguística carrega uma carga semântica extremamente problemática, pois sugere que o crescimento físico ou a maturação biológica da criança será imediatamente associada à sua disponibilidade sexual para os adultos. Tal ideia viola princípios fundamentais de protecção à infância e à adolescência, além de contribuir para a normalização da violência sexual e da cultura do abuso.

Análise Semiótica:

A frase “*quem crescer vamos lhe foder*” contém dois signos principais: “crescer” como marcador de tempo e maturação biológica, e “foder” como acto sexual violento, marcado por assimetria de poder.

A união desses signos gera um significado implícito de predestinação ao abuso, criando uma associação perversa entre crescimento e violação.

Do ponto de vista semiótico, esta construção simboliza a criança como objecto de desejo futuro e legitima socialmente a expectativa de que será explorada sexualmente.

Análise metafórica

A metáfora do “crescimento como prontidão sexual” é central neste discurso. Ela desumaniza o processo de desenvolvimento infantil, reduzindo-o a uma preparação para o uso sexual alheio.

O verbo “foder”, usado de forma vulgar e agressiva, assume aqui o papel de instrumento de dominação, e não de relação consensual ou afetiva.

A presença de uma expressão como “*quem crescer vamos lhe foder*” numa letra de música expõe o ouvinte jovem a um discurso abusivo e altamente prejudicial à sua formação emocional e ética.

Música 7 – título / autora / estilo

Título: Vibraté. Autora: Jéssica Pitbull. Estilo musical: Kuduro

“As empoderadas, turma das prof, as vitaminas, as habilidosas”

A letra retrata estereótipo e auto-objectificação, reforça a hipersexualização.

“Habilidosas”: termo popularmente atribuído a mulheres que mantêm relacionamentos simultâneos com vários parceiros amorosos, sem que estes tenham conhecimento da existência uns dos outros. Estas mulheres envidam esforços para ocultar a situação, de modo a evitar que os companheiros descubram a duplicidade. Em certos círculos sociais, também são apelidadas de “gestoras”.

A expressão “Turma das Prof” é um constructo linguístico de origem popular que se refere a mulheres que exercem a prostituição de forma sistemática e profissionalizada. Tais mulheres são vulgarmente designadas como as “mães grandes do game”, uma metáfora que posiciona estas figuras femininas no topo de uma hierarquia simbólica dentro do circuito da prostituição urbana, assumindo um papel de liderança, experiência e domínio no “jogo” termo este usado em gíria para referenciar o mercado ou sistema de relações sexuais transaccionadas.

A expressão “As vitaminadas” é um termo popular utilizado para designar mulheres que se destacam por atributos físicos considerados atraentes segundo os padrões hegemónicos de beleza, tais como curvas pronunciadas, aparência jovem e estilo corporal exuberante. Estas mulheres são também vulgarmente conhecidas como “gostosas” ou “jardadas” termos que reforçam a centralidade do corpo enquanto elemento identitário e simbólico. A expressão sugere que a valorização estética do corpo feminino supera, outros elementos que definem a mulher enquanto sujeito social, intelectual e emocional.

Música 8 – título / autor(es) / estilo

Título: Cada Coloca 1 Pico de Pincho. Autores: Dupla Lá Embaixo. Estilo musical: Kuduro

“Cada coloca 1 pico de pincho”

A letra “Cada coloca (posição sexual) é um pico de pincho” revela um elevado grau de auto-objectificação e/ou objectificação da mulher, retratando-a como um produto ou mercadoria destinada ao consumo sexual. Este tipo de tratamento na letra posiciona as mulheres como bens transaccionáveis, cuja principal função reside no prazer alheio, perpetuando, assim, estereótipos negativos sobre a identidade e o valor feminino.

Música 9 – título / autor(es) / estilo

Título: Minha Best. Autores: Delma Silva & Benilson. Estilo musical: Afro House

“Bunda dela está sempre no ar, olha a bunda dela a flutuar, todos os cotas estão sempre a lhe olhar, a final é tudo natural”

O conteúdo da música em questão valoriza fortemente a aparência física da mulher, com destaque específico para a região do quadril, conforme se observa na expressão: “A bunda dela está sempre no ar, olha a bunda dela a flutuar”. Este tipo de construção lírica reforça o papel do rebolado como instrumento de sedução e atratividade sexual, apresentando-o como um dos principais recursos utilizados pelas mulheres para capturar o olhar e o desejo masculino.

Tal representação contribui significativamente para a objectificação da mulher, ao reduzi-la a um objecto de prazer visual e sexual, desconsiderando as suas outras dimensões enquanto sujeito — como a intelectual, emocional e social.

A expressão “a final é tudo natural” intensifica esta dinâmica ao sugerir que determinados traços corporais, sobretudo os que se encaixam nos padrões estéticos socialmente valorizados, são mais autênticos ou mais desejáveis. Tal ideia aprofunda a desigualdade simbólica entre corpos “normativos” e “não normativos”, promovendo uma hierarquia baseada na estética física.

A letra faz ainda alusão às reações sociais provocadas por tais performances corporais, como se nota na frase “todos os cotas estão sempre a lhe olhar”. Esta observação pode ser lida sob duas

perspectivas: como uma crítica velada à hipersexualização da mulher, ou como uma normalização da vigilância e do desejo masculino, incluindo até possíveis conotações problemáticas como o desejo sexual de adultos por meninas menores de idade, o que levanta questões éticas e legais no contexto da cultura musical popular.

Análise metafórica

“*A bunda flutuar*” funciona como metáfora de um corpo desumanizado e erotizado ao extremo, fora da realidade, onde o que importa é o efeito visual, não a pessoa.

A presença do “rebolado” como técnica de atração inscreve o corpo feminino num campo de performance constante, onde o movimento do corpo é linguagem e moeda de valor sexual.

Música 10 – título / autor(es) / estilo

Título: Nunca Perou. Autor: Marley T-Rose Diário. Estilo musical: Rap

“Eu já pereí meu cota também já perou toda tropa já perou, nunca perou só assume bitch, corno Mc”

A letra revela um conteúdo lírico profundamente marcado pela objectificação da mulher e pela utilização de linguagem pejorativa e depreciativa tanto em relação às mulheres quanto aos homens que fogem ao padrão de masculinidade dominante.

A frase “*Eu já pereí*” refere-se, no contexto da gíria urbana, à prática de relações sexuais. O seu uso casual e desprovido de envolvimento emocional indica um relacionamento meramente sexual, de carácter ocasional, sem qualquer valorização afectiva da mulher envolvida. Ao afirmar que “*toda a tropa já perou*”, o sujeito lírico reforça a ideia de que a mulher é vista como um bem partilhado ou um recurso sexual colectivo, sugerindo uma lógica de posse e consumo que retira da mulher qualquer noção de individualidade ou dignidade.

A expressão “*só assume, bitch*” emprega o termo inglês “bitch” traduzido informalmente como “bandida” como designação insultuosa dirigida à mulher, reforçando estereótipos misóginos e atribuindo-lhe uma identidade exclusivamente ligada ao comportamento sexual “desviante”. Já “*Corno MC*” é uma expressão pejorativa dirigida a homens traídos, usada como forma de escárnio, por não se conformarem com a lógica dominante de controlo masculino sobre a mulher.

Análise Semiótica:

A palavra “*bitch*” funciona como signo de desqualificação moral da mulher, e “*corno MC*” como um marcador de masculinidade falhada, em ambos os casos alimentando um discurso de género baseado na violência simbólica.

Análise metafórica:

A mulher é metaforicamente tratada como território invadido e partilhado, e não como sujeito uma metáfora de posse pública, onde o corpo feminino é esvaziado de subjectividade.

O homem que “*não controla*” ou “*não se impõe*” é reduzido a “*corno*”, ou seja, o traído, o fraco, o ridicularizado. Isto reforça a ideia tóxica de que a masculinidade é medida pelo grau de domínio sobre a mulher.

Música 11 – Título / Autor / Estilo

Título: Me Chuparam Remix. Autores: Dj Denon Jr Ft Márcio Beat. Estilo Musical: Kuduro

“Aí me chuparam, me chuparam na co...”

A expressão “*me chuparam na co...*” apresenta-se com uma interrupção deliberada na última palavra, sugerindo fortemente a palavra “*cona*”, uma gíria vulgar usada para referir-se ao órgão genital feminino. Este recurso linguístico, embora não diga abertamente a palavra completa,

mantém a carga semântica intacta, sendo facilmente reconhecido pelo público juvenil. Esta técnica é típica da pornofonia, que usa o duplo sentido e a linguagem sugestiva como estratégia de contorno à censura ou para gerar humor e viralidade.

Metáfora e simbolismo corporal

Do ponto de vista da análise metafórica, o verbo “*chupar*” é empregado como metáfora sexual, representando actos de sexo oral. O uso reiterado do verbo “*me chuparam, me chuparam*” reforça a carga erótica da mensagem e produz um efeito de ênfase sexual na construção da letra. Trata-se de uma metáfora corporal, em que o corpo é fragmentado e erotizado, reforçando a ideia da mulher como objecto de prazer e consumo.

Semiótica do desejo e da vulgaridade

A nível da semiótica, a frase constrói um significado polissémico, que se apoia em códigos culturais partilhados pela audiência, principalmente os jovens. Mesmo sem completar a palavra final, o público decifra o sentido da mensagem com base no conhecimento prévio de gírias, memes e outras músicas com temáticas semelhantes. Este uso da omissão reforça o jogo entre o proibido e o permitido, criando uma linguagem codificada que contribui para a naturalização da vulgaridade e da hipersexualização nas músicas urbanas.

Música 12 – título / autor(es) / estilo

Título: Muita Doree. Autor: Ed-Sangria. Estilo musical: Afro Beat

“Pipito aí vou morrer, não aguento muito dor Pipito, Pipito, Pipito, aí morrer, as bolas as bolas, muita dor”

Metáfora do desejo e da intensidade erótica

A letra reproduz uma expressão de dor que, na realidade simbólica do discurso musical, assume o valor de metáfora para o prazer sexual extremo. A dor evocada (“muita dor”, “vou morrer”) não é literal, mas sim uma hipérbole típica de experiências eróticas intensas, recorrente em discursos de carácter sexual. Aqui, a dor é erotizada e transformada em expressão simbólica de satisfação ou excesso de prazer, o que se inscreve nas formas contemporâneas de representação do desejo sexual na música urbana angolana.

Ambiguidade e sexualidade implícita

A repetição do nome “Pipito” funciona como apelo emocional ou afectivo, mas também pode representar um sujeito activo na relação sexual, sendo chamado insistentemente num contexto que remete à submissão ou êxtase. A ambiguidade da dor/ prazer é reforçada pela referência ao termo “as bolas”, que, em contexto sexual, é uma gíria corporal associada ao órgão genital masculino. Desta forma, a letra carrega um conteúdo sexual implícito, mas facilmente decifrável pelo público, sobretudo juvenil, familiarizado com o código linguístico da música urbana.

Erotização do sofrimento e da linguagem

O uso de expressões como “*vou morrer*” e “*não aguento*” são marcadores de um discurso hiperbólico, onde o prazer sexual é elevado à condição de sofrimento físico. Esta prática ressignifica a dor como componente do prazer, o que está em consonância com os elementos centrais da pornofonia musical, isto é, a combinação de linguagem sensual, agressiva ou violenta com expressões do desejo e do corpo.

Objectificação e performatividade do corpo

Tal como na frase “*Aí me chuparam, me chuparam na co...*”, citada na mesma música, observa-se uma clara objectificação do corpo feminino, representado apenas pela sua funcionalidade sexual. O corpo é reduzido a partes (“as bolas”, “a co...”) e os actos sexuais são

performados sem afectividade, com destaque para a gratificação do desejo masculino, reforçando uma lógica de consumo e utilização da mulher como objecto sexual.

Música 13 – título / autor(es) / estilo

Título: Laboo. Autor(es): Sintonia07 e Dj kalisboy. Estilo musical: Afro House

“Suculentas mana trepa no pau mana trepa no pau”

A presente expressão apresenta uma carga semântica fortemente conotativa, evidenciando elementos de sexualidade explícita por meio de Análise metafórica corporais e alimentares.

Análise metafórica e construção simbólica

O termo “suculentas”, aplicado à figura feminina, opera como uma metáfora de natureza alimentar, frequentemente usada para objectificar o corpo da mulher, associando-o ao prazer sensorial e ao consumo. Esta figura retórica reforça a representação da mulher como um objecto de desejo, passível de ser “consumido” visual e sexualmente.

A frase “mana trepa no pau” constitui uma metáfora sexual explícita, cuja estrutura verbal sugere a iniciativa feminina no acto sexual, invertendo simbolicamente os papéis tradicionais da passividade feminina. No entanto, esta inversão ocorre dentro de um imaginário erotizado e vulgarizado, que não emancipa a mulher, mas reforça a sua hipersexualização.

Semiótica do desejo e da provocação

Do ponto de vista semiótico, a letra activa signos associados ao prazer, ao instinto e à sedução visual, desencadeando um conjunto de representações simbólicas do corpo e da sexualidade. A repetição do verso intensifica o impacto da mensagem, transformando a expressão numa espécie de mantra pornofónico, que estimula imaginação erótica e a excitabilidade simbólica, mesmo sem contacto físico. Trata-se de uma estratégia discursiva para despertar o desejo sem tocar, através da sugestão linguística e musical.

Música 14 – título / autor(es) / estilo

Título da música: Trabalha +. Autor(es): Preto Show. Estilo musical: Afro Beat

Análise Metafórica e Semiótica do Trecho Musical

A letra “*Malandra sex, olha o corpo desta gaja, esse rabo tem que ter limite, essa noite vai acabar com aputar tá ledá trabalha mais (...) aí trabalha dá-me vitamina estou doente ques que vou pra trás ou fica a sua frente*” apresenta uma narrativa fortemente marcada por erotização explícita e simbologias sexuais que merecem ser analisadas à luz da metaforologia e da semiótica social.

Análise metafórica

O uso da expressão “*esse rabo tem que ter limite*” constitui uma hipérbole que visa destacar o atributo físico da mulher, associando-o a uma dimensão descontrolada de desejo ou excitação. Trata-se de uma metáfora corporal que desumaniza e reduz a figura feminina ao seu aspecto sexualizado, promovendo uma lógica de consumo do corpo da mulher. A metáfora “*dá-me vitamina*”, por sua vez, associa o acto sexual a uma fonte de força ou de cura, reforçando estereótipos sobre a virilidade masculina e o papel da mulher como fornecedora de prazer físico.

Análise Semiótica

A construção imagética da música especialmente quando acompanhada de vídeo actua como um reforço visual da narrativa erótica, agravando o seu impacto simbólico sobre o público juvenil. Termos como “*aputar tá ledá*” e “*trabalha mais*” remetem à repetição mecânica de movimentos corporais, sugerindo actos sexuais de forma camuflada, mas facilmente decifrável mesmo por públicos mais novos. A frase “*estou doente, ques que vou pra trás ou fica a sua frente*” reforça uma

lógica de disponibilidade sexual e ambiguidade posicional, evocando um jogo entre fragilidade e entrega erótica, envolto num discurso aparentemente lúdico, mas profundamente carregado de sentidos pornofónicos.

Do ponto de vista da crítica social, o vídeo que acompanha a música conforme descrito pode ser interpretado como um atentado ao pudor, especialmente por ser de fácil acesso a crianças e adolescentes. A hipersexualização visual, somada às mensagens implícitas e explícitas nas letras, contribui para a banalização de temáticas sensíveis como a sexualidade, a auto-objectificação feminina e os papéis de género.

Música 15 – título / autor(es) / estilo

Música: Abre o Livro. Autor: Noite e Dia. Estilo: Kuduro

Análise metafórica

A expressão “*abre o livro sem maldade*”, presente na música em questão, quando associada a uma coreografia de forte apelo sensual, remete simbolicamente à sexualidade feminina. Embora a cantora utilize a expressão “sem maldade” com o intuito aparente de suavizar ou neutralizar o conteúdo da mensagem, é evidente a ambiguidade semântica presente na formulação. A palavra “livro”, neste contexto, funciona como uma metáfora para o corpo da mulher, mais especificamente para a acção de abrir as pernas, sugerida pelos gestos da coreografia. Assim, mesmo com a tentativa de dissimulação, a construção linguística e performativa da expressão permite interpretações de natureza sexual, sobretudo quando analisada à luz da semiótica social e da metáfora corporal.

Neste contexto, o termo “livro” funciona como uma metáfora para o corpo da mulher, sendo a acção de “abrir o livro” uma referência implícita ao acto de abrir as pernas. Esta interpretação é reforçada pela coreografia, na qual os gestos corporais reproduzidos pelas dançarinas evocam movimentos associados ao erotismo.

Análise Semiótica

Sob uma perspectiva semiótica, a conjugação entre letra e performance actua como mecanismo de erotização simbólica, mascarada por um discurso aparentemente inofensivo. O uso da expressão “sem maldade” tenta suavizar o teor sexual da mensagem, mas, paradoxalmente, legitima a sua difusão em espaços públicos, inclusive junto de públicos vulneráveis como crianças e adolescentes.

Dessa forma, a música “Abre o Livro” revela-se um exemplo de como Análise metafórica linguísticas e códigos corporais são utilizados para veicular mensagens de conteúdo erótico, muitas vezes normalizadas no contexto musical urbano angolano.

Análise quantitativa das músicas com conteúdos sexualizados.

Segundo Peter & Valkenburg, (2006) em média os adolescentes mais jovens com idades compreendidas entre 13 a 16 anos são mais propensos a adoptar comportamentos influenciados por músicas com conteúdo pornofónicos do que os adolescentes mais velhos entre 17 e 18 anos.

Observa-se no gráfico 1 que há maior predominância na faixa etária de 10 a 13 anos, representando mais de 50% da amostra, o que indica uma preocupação acrescida, tendo em conta que se trata de uma fase de desenvolvimento emocional e cognitivo. O consumo ou a exposição a músicas com conteúdos sexualizados pode influenciar negativamente a formação da identidade, dos valores, das percepções e atitudes das crianças sobre o comportamento e a sexualidade.

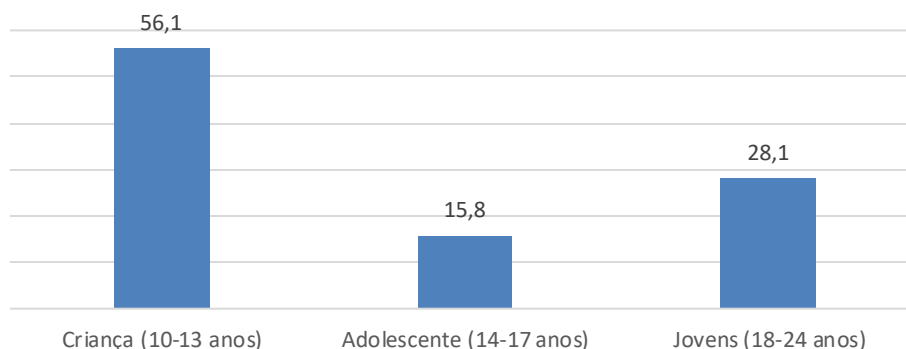
A faixa etária dos 14 aos 17 anos, embora corresponda a uma taxa inferior (15%), continua a ser um factor preocupante. Apesar de ser uma faixa etária superior à das crianças, os jovens ainda estão expostos a músicas deste género, que podem levar à normalização de comportamentos impróprios para a sua idade. Além disso, sobre eles recaem pressões sociais que os levam a aceitar

certos padrões de risco comportamental, ou seja, estas pressões podem conduzir à adopção de comportamentos que não reflectem as suas verdadeiras vontades e valores.

Corroborando, segundo o entrevistado Bruno Lussueki, Pastor e Teólogo, “a preocupação que causa a música contemporânea angolana é porque incita a sexualidade precoce devida à letra e o exibicionismo carnal na forma de dança típica associada a esta música”.

Do mesmo modo, o entrevistado Filipe Morais, sociólogo, aponta: “A pornografia pode ter várias explicações e algumas delas são: pobreza, exclusão social e educação inadequada. Por outro lado, é preciso admitir que, quando esta realidade passa para o espaço da arte musical, ela é promovida em forma de propaganda, acabando por influenciar pessoas com uma fraca capacidade de análise crítica e educativa.” Já a faixa acima dos 17 anos (28%) representa participantes mais adultas. Embora mais experientes, também são afectadas pela normalização, pela suposta elegância e pela romantização de como a prostituição, a traição e o adultério são abordadas gloriosamente nas músicas.

Gráfico 1- Distribuição percentual dos entrevistados por faixa -etária

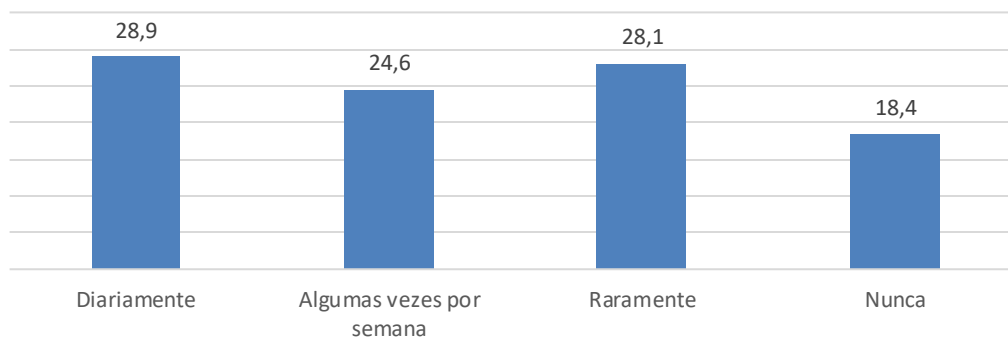


Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

Como já foi aqui citado, conforme Lima (2008) no contexto social vigente, é comum que crianças e adolescentes cantem e coreografem músicas carregadas de sexualidade, utilizando, consequentemente, vestuários inadequado para o seu estágio de desenvolvimento. O autor sustenta ainda que as músicas erotizadas se tornam uma febre entre meninos e meninas, mesmo que muitas vezes não tenham consciência de que estão a ouvir ou dançar.

De acordo com o gráfico 2, a maioria dos entrevistados (29%) ou seja, cerca de 3 em cada 10 crianças, adolescentes e jovens afirma escutar esse estilo de música diariamente, o que pode configurar uma exposição preocupante a conteúdos pornofónicos presentes nessas músicas. Tais conteúdos podem criar expectativas inadequadas ou ideias irreais sobre relacionamento para os jovens.

Embora 28 pessoas das 114 entrevistadas afirmem ouvir essas músicas raramente, 32 indicam que ouvem algumas vezes. Em comparação, apenas 21 disseram nunca as ter ouvido. No total 82% dos entrevistados já escutaram.

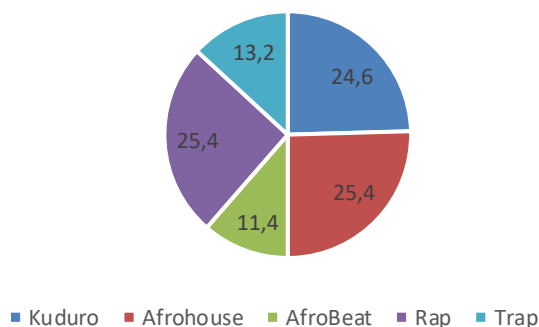


Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

Observa-se no gráfico 3 que a maior representatividade é dos estilos Afro House e Kuduro respectivamente com 25% dos entrevistados. Isso pode reflectir uma forte preferência das crianças, adolescentes e jovens pelo estilo em função do ritmo, ou seja, da batida energética característica, que os atrai pela força juvenil.

O estilo Kuduro aparece como o segundo mais representado, com 24,6%. Isso pode estar relacionado com as novas tendências dos fazedores de kuduro, que actualmente optam pelo Afro House. Os estilos Trap e Afrobeat apresentam as menores representações, situando-se abaixo de um terço da amostra.

Gráfico 3- Distribuição percentual dos entrevistados segundo o estilo de música, mas ouvido



Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

Nota-se que 40% dos entrevistados afirmaram que o estilo Kuduro é o mais pornográfico. Isso indica que grande parte das músicas do estilo kuduro contém mensagens explícitas e implícitas sobre sensualização. Embora seja o segundo estilo de música mais ouvido, o Kuduro representa uma vulnerabilidade ao abuso; ou seja, músicas de cunho sexual que erotizam crianças tornam-nas mais vulneráveis ao abuso e alimentam o risco de violação.

A arte possui um poder extraordinário de influenciar, provocar reflexões e moldar comportamentos. Esse poder pode contribuir para a formação de adultos incapazes de discernir o que é a erotização e os seus efeitos, ao consumirem tanto Kuduro como outros estilos.

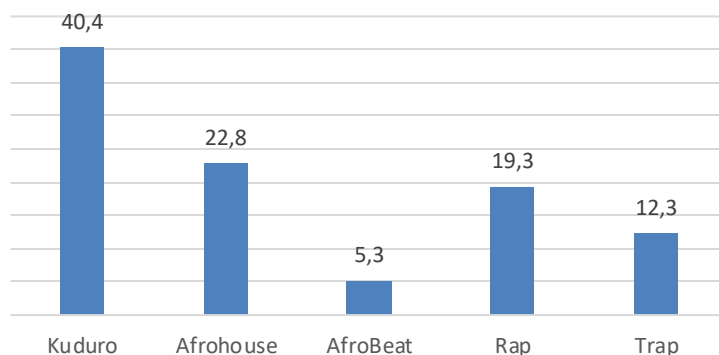
Diante deste cenário, observamos que, segundo Lussueki, a música, a melodia e todos os outros efeitos musicais têm incidência directa sobre a alma da pessoa. Os sentimentos humanos são directamente atingidos com o tocar da música, de maneiras que nos sentimos invadidos pelo espírito da letra do cantor, ao ponto de encarnarmos a mensagem que nos é transmitida pela música. E qual é a mensagem? Se for de cunho pornográfico, isto terá incidência no comportamento.

Na visão sociológica, Morais afirma que a música é um elemento espiritual. A cultura é o

que estrutura a forma de ser e estar da comunidade. Pode-se, assim, dizer que as pessoas, independentemente da idade, são influenciadas pela música e pela dança, sendo estas susceptíveis de serem incorporadas na sua personalidade e reproduzidas no comportamento individual.

Conforme citado por Cristóvão (2022), grande parte dos fazedores destes estilos promovem a sexualidade nas músicas e danças. Observou-se, de acordo a Tabela 4, que 26 pessoas, das 114 entrevistadas, afirmam que o Kuduro é o mais erótico. Já 22 pessoas indicam o Rap, enquanto o Trap e o Afrobeat destacam-se com menor número de indicações, sendo 14 e 6 pessoas, respectivamente.

Gráfico 4- Distribuição percentual dos entrevistados, segundo o estilo musical mais pomofónico



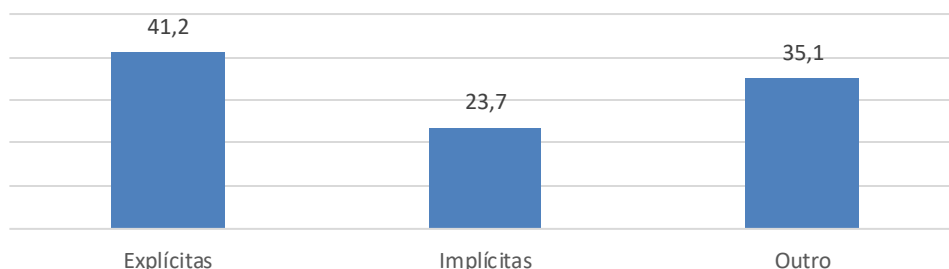
Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

Observa-se que a maior parte (41%) das pessoas entrevistadas percebe de forma explícita os conteúdos erotizados nos estilos musicais em estudo.

Conforme Gonçalves (2023): “Letras explícitas, Análise metafórica sugestivas e referências sexuais podem activar regiões do cérebro associadas ao sexo. Além disso, a música pode evocar memórias e associações pessoais relacionadas à sexualidade, intensificando a resposta sexual e a sensualidade”.

Os dados indicam ainda que 23% dos entrevistados entendem as mensagens erotizadas mesmo quando são apresentadas de forma implícitas, como já foi aqui citado: “Acaba de comer a maçã, não estou com apetite de comer banana”. O contacto precoce com expressões, imagens e gestos ou movimentações (coreografias) sexuais é prejudicial para o desenvolvimento por antecipar fases da formação da personalidade.

Gráfico 5- Distribuição percentual dos entrevistados segundo como descreveriam essas referências pomofónicas nas músicas



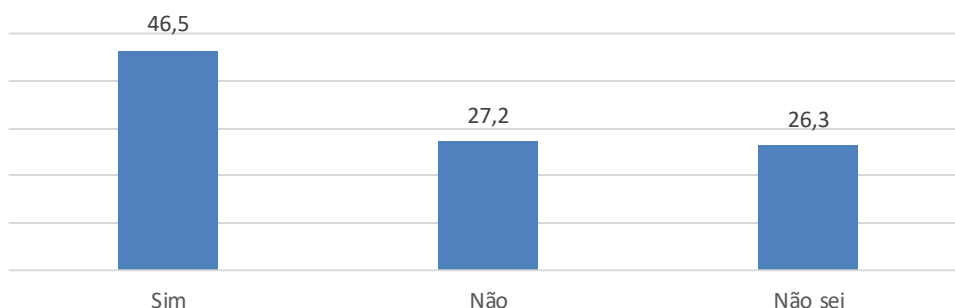
Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

Conforme já citado por Gonçalves (2023), a música exerce uma influência poderosa no nosso entendimento e experiência sobre o acto sexual, estimulando o desejo sexual e a sensualização. Através das vibrações sonoras, letras e temas musicais, de associações com experiências sensuais, activação de regiões associadas ao prazer e da expressão de emoções sexuais,

a música representa um papel significativo na sexualidade humana.

Essa realidade pode ser observada no Gráfico 6: a maioria 47% dos entrevistados reconheceu que as músicas sexualizadas influenciam na forma de compreensão sobre a sexualidade. Em oposição, 27% afirmam que não sofrem influência na forma de como percebem sexualidade, enquanto 30 pessoas, correspondentes a 26% do universo de 114 entrevistados afirmam não terem certeza se sofrem influência.

Gráfico 6 - Distribuição percentual dos entrevistados segundo a compreensão das letras das músicas influenciam como se vê a sexualidade

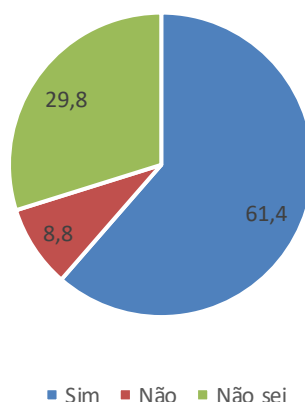


Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

Muitos destes estilos de música fazem apologia à objectificação do corpo das mulheres como estereótipo e hipersexualização, como já foi aqui citado nos trechos das músicas: “turma das prof, as vitaminas, habilidosas”. Segundo (Aubrey & Frisby, 2011), estes estilos de músicas que objectificam as mulheres reduzem-nas a objectos sexuais contribuindo assim para a normalização da violência sexual e dos estereótipos de género.

Segundo Lussueki, existe uma banalização da mulher nestas músicas, onde a aparência importa mais do que outros aspectos que as definem quanto a mulheres. O que está em causa é a falta da vida moral e espiritual dos autores da música profana. Eles reproduzem, pela sua música, as suas vidas depravadas e sem pudor. Suas experiências falidas com diferentes mulheres são comprovadas pela forma como banalizam a mulher, transformando-a num instrumento de prazer nos seus cantos. Consumir este tipo de música é prejudicial pelos efeitos que tem na vida moral da população. Este cenário é sustentado pela maioria 61% dos entrevistados, que afirmam acreditar que as letras destas músicas promovem estereótipos de género, embora 9% afirmem não acreditar nessa possibilidade de influência.

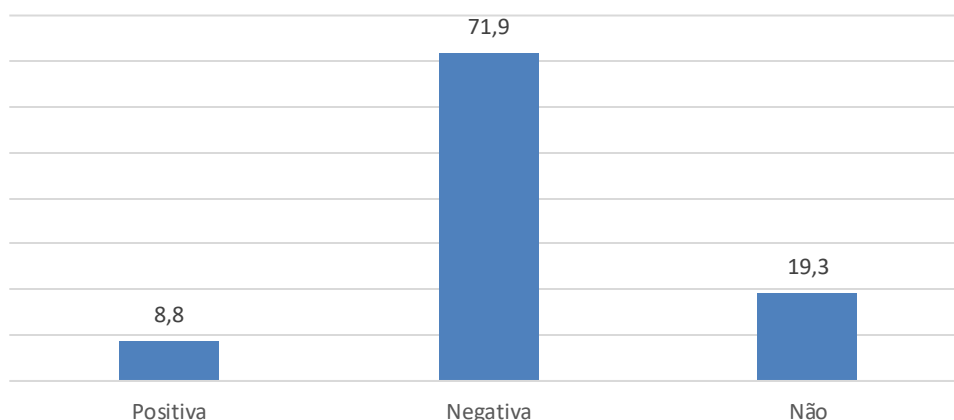
Gráfico 7- Distribuição percentual dos entrevistados segundo com que frequência acredita que as letras de músicas promovem estereotipo de género



Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

As mulheres são utilizadas como produto pelas indústrias musicais. Existe uma cultura de hipersexualização, com a exposição de imagens e danças erotizadas nos vídeos. Apesar de uma parte da sociedade angolana estar dessensibilizada em relação aos efeitos e perigos da erotização, que pode contribuir para a distorção da imagem corporal e baixo autoestima, 71% dos entrevistados afirma que sim é um acto negativo: o estereótipo, hipersexualização e a objectificação das mulheres.

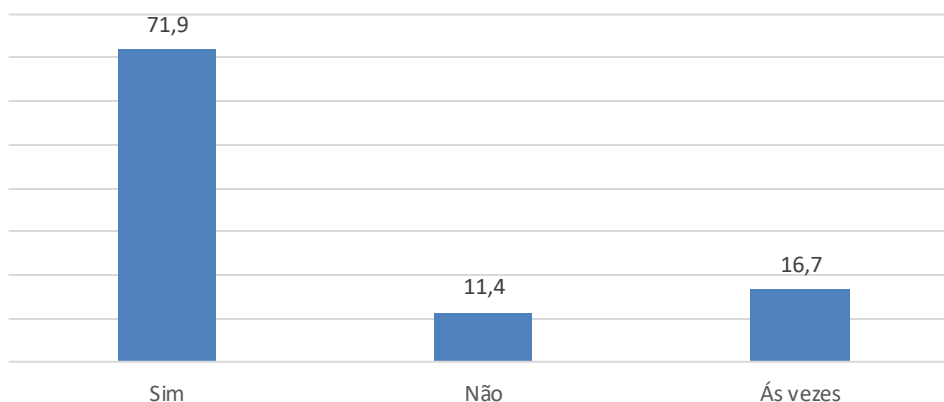
Gráfico 8- Distribuição percentual dos entrevistados segundo como descreveriam a representação das mulheres nessas músicas



Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

A pressão social sobre as crianças, adolescentes e jovens está leva-os a adoptar comportamentos inadequados. Vale sustentar aqui diante desta afirmação, 72% dos entrevistados, entres eles crianças, adolescentes e os mais jovens, sentem pressão ou influência na construção de suas identidades através do contacto com a música, agindo em conformidade com erotização que escutam. A sociedade também reconhece essa influência conforme Morais: “A sociedade moderna é muito agressiva em termos de socialização. Os conteúdos pornográficos entram em nossas casas sem autorização, através da televisão, redes sociais e outros meios de comunicação, socializando as crianças e adolescentes.

Gráfico 9 - Distribuição percentual dos entrevistados segundo se já se sentiu pressionado em agir devido às mensagens nas músicas

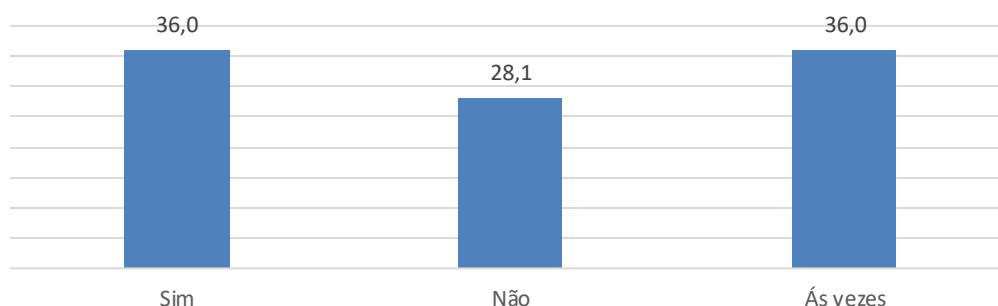


Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

O Gráfico 10 revela que 72% dos entrevistados (36% “Sim” e 36% “Às vezes”) reconhecem que as músicas influenciam suas atitudes em relação aos relacionamentos. Esse dado é relevante ao se considerar o contexto da pornofonia nas músicas angolanas contemporâneas, caracterizada por

letras com forte apelo sexual, linguagem explícita e sensualização precoce. A música, enquanto ferramenta cultural poderosa, exerce claramente uma influência directa ou ocasional sobre os comportamentos afectivos e sexuais de crianças, adolescentes e jovens. Segundo Gentile et al. (2004), esses impactos dependem da forma como são interpretados e internalizados pela crianças, adolescentes e jovens em função do contexto socioeconómico e cultural.

Gráfico 10 - Distribuição percentual dos entrevistados segundo as músicas que tem algum impacto nas atitudes em relação a relacionamento



Fonte: Resultados Da Pesquisa (2025)

Conclusão

A presente reflexão não tem como objectivo censurar a arte musical, mas sim convocar os músicos e demais agentes culturais à assunção da sua responsabilidade social. Importa salientar que, neste contexto, a responsabilidade social refere-se à consciência crítica e à capacidade de análise sobre o impacto especialmente negativo que a arte, em particular a produção musical, pode exercer na sociedade angolana.

Os resultados obtidos na análise de conteúdo indicaram que as músicas com linguagem de cariz sexual, explícita ou implícita, têm provocado um impacto negativo particularmente alarmante entre crianças e adolescentes grupos socialmente mais vulneráveis do ponto de vista cognitivo e emocional.

A análise das quinze músicas seleccionadas revelou que os conteúdos pornofónicos compreendidos como expressões linguísticas, coreográficas e visuais com forte carga de erotização estão presentes em diversos géneros musicais, com diferentes níveis de intensidade. No conjunto da amostra, o estilo Kuduro destacou-se por conter o maior número de trechos com mensagens sexualmente explícitas e por apresentar maior incidência de Análise metafórica associadas à hipersexualização do corpo feminino.

Importa, contudo, esclarecer que esta constatação não implica uma generalização sobre todo o universo do Kuduro. A amostra em análise é limitada e não representa a totalidade da produção musical deste estilo. Todavia, os dados empíricos reforçam esta percepção: 40% dos entrevistados indicaram que o Kuduro é o género que mais veicula mensagens de teor pornofónico. Tal facto aponta para uma tendência preocupante no que diz respeito à naturalização da sexualização da mulher e à propagação de estereótipos de género neste segmento musical.

Em relação ao Afro House e ao Afrobeat, também se identificaram conteúdos de natureza sexual, ainda que com menor frequência e intensidade. Nestes estilos, em alguns trecho as mensagens tendem a ser mais sugestivas e dissimuladas sob códigos artísticos e dançantes. A

sexualidade é muitas vezes metaforizada por meio de expressões coreográficas e poéticas, o que torna a carga simbólica menos directa, embora em alguns trechos ainda presente.

Já nos estilos Rap/Trap, verificou-se o uso de linguagem mais explícita e agressiva, frequentemente centrada na virilidade masculina, na dominação sexual e na objectificação feminina. Essas letras apresentam-se, em muitos casos, como formas de afirmação de uma masculinidade tóxica, legitimando comportamentos permissivos e desiguais nas relações de género.

Assim, conclui-se que, no recorte analisado, o Kuduro se destaca como o estilo com maior concentração de conteúdos pornofónicos, seguido, ainda que em menor grau, pelo Afro House, Afrobeat, Rap e Trap. Neste contexto, podemos concluir que os resultados apontam, fundamentalmente, para a necessidade de uma reflexão crítica sobre o impacto (negativo), desde a perspectiva social e cultural, das músicas erotizadas ouvidas, assistidas e vivenciada por crianças, adolescentes e jovens particularmente na fase de construção da identidade sexual, princípios e valores bem como, nas relações interpessoais.

Era expectável que os trechos musicais reflectissem maior valorização dos elementos identitários e culturais da juventude angolana. Contudo, os dados revelam a banalização crescente da linguagem sexual e a normalização de discursos que comprometem a edificação de valores éticos e sociais, sobretudo entre os mais jovens. Este cenário evidencia a urgência de se reflectir criticamente sobre os limites entre a liberdade de expressão artística e a responsabilidade social dos agentes culturais.

A exposição recorrente a este tipo de conteúdo pode acarretar consequências graves, nomeadamente: início precoce da actividade sexual e gravidez na adolescência; naturalização da violência sexual e verbal contra a mulher; reforço de estereótipos machistas e fenómenos de auto-objectificação feminina; redução da capacidade crítica dos ouvintes perante conteúdos abusivos, discriminatórios ou desrespeitosos.

A erotização veiculada de forma falada, cantada, ouvida e visualizada contribui para a formação de imaginários colectivos distorcidos sobre sexualidade, relações interpessoais e papéis de género. Nesse sentido, propõem-se as seguintes medidas de prevenção:

- a) Introdução da educação sexual crítica, científica e adaptada ao contexto sociocultural angolano, no sistema de ensino;
- b) Promoção de campanhas de sensibilização para o consumo consciente de conteúdos musicais;
- c) Fomento à criação musical com conteúdos educativos, éticos e socialmente transformadores;
- d) Produção de normas jurídicas que proibam, nos horários de maior audiência infantojuvenil, a emissão de músicas com conteúdo obsceno.

Limitações do estudo

Este estudo apresenta algumas limitações que devem ser consideradas:

- a) A amostra foi composta por 15 músicas, o que não permite generalizações absolutas sobre o panorama musical angolano;
- b) As músicas foram seleccionadas com base em critérios de popularidade e acessibilidade, podendo haver outras igualmente pertinentes que não foram incluídas;
- c) A análise centrou-se em trechos seleccionados, não considerando a totalidade das composições ou o seu contexto de produção, recepção e circulação cultural;
- d) A investigação teve enfoque em meios urbanos e digitais, não contemplando

realidades rurais ou comunidades com acesso limitado à tecnologia e à música digital.

Referências bibliográficas

- Adebola, P. E., John-Akinola, Y. O., & Dipeolu, I. O. (2021). Sexual-related contents in music videos and associated risky sexual behaviour among undergraduate students in a Nigerian university. *Ibadan Journal of Sociology*, 12(1), 45–62.
- Amorim Filho, P. (2016). *Compor no mundo. Teoria e Prática do Compor IV*, 91.
- Aubrey, J. S., & Frisby, C. M. (2011). Sexual objectification in music videos: A content analysis comparing gender and genre. *Mass Communication and Society*, 14(4), 475–501.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Brown, J. D., L'Engle, K. L., Pardun, C. J., Guo, G., Kenneavy, K., & Jackson, C. (2006). Sexy media matter: Exposure to sexual content in music, movies, television, and magazines predicts black and white adolescents' sexual behavior. *Pediatrics*, 117(4), 1018–1027.
- Cardoso, D. (2024). *Pornofonia: A música e o seu impacto no vício em pornografia* [Vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/jFcyfFKMORw?si=YZkUynMEr4wpz5Zl>
- Constantino, A. (2024). Jovens debatem “Imoralidade Sexual”. *Platina FM*. <https://platinaline.com/jovens-debatem-imoralidade-sexual-no-programa-dia-alegre-da-platina-fm/>
- Da Costa, F. (2020). *Músicos angolanos pedem "travão" em canções sexualizadas*. VOA Português. <https://www.voaportugues.com/a/m%C3%BAsicos-angolanos-pedem-trav%C3%A3o-em-can%C3%A7%C3%B5es-sexualizadas-/5617786.html>
- Fredrickson, B. L., & Roberts, T. A. (1997). Objectification theory: Toward understanding women's lived experiences and mental health risks. *Psychology of Women Quarterly*, 21(2), 173–206.
- Gentile, D. A., Reimer, R. A., Nath, D., & Walsh, D. A. (2004). Assessing the effects of violent video games on children: A review of the evidence. *Interdisciplinary Journal of Applied Family Studies*.
- Cristóvão Hélio. (2022). Sexualização das músicas e danças da actualidade deturpam valores morais anteriormente conservados. *Platina FM*. <https://platinaline.com/sexualizacao-das-musicas-e-dancas-da-actualidade-deturpam-valores-morais-anteriormente-conservados/>
- Lima, V. (2008). Erotização da música influi na precocidade sexual da criança. *Blog Valter Lima*. <https://valterlima.blogspot.com/2008/02/erotizacao-da-msica-influi-na-precocidade.html>
- Marcolino, S. M. (2019). O preconceito e a marginalização do estilo Kuduro: uma abordagem do ponto de vista da sociedade angolana.
- Peter, J., & Valkenburg, P. M. (2006). Adolescents' exposure to sexually explicit online material and recreational attitudes toward sex. *Journal of Communication*, 56(4), 639–660.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Ward, L. M. (2003). Understanding the role of entertainment media in the sexual socialization of American youth: A review of empirical research. *Developmental Review*, 23(3), 347–388.
- Ward, L. M. (2016). Media and sexualization: State of empirical research, 1995–2015. *Journal of Sex Research*, 53(4–5), 560–577.